CARREIRA UNIVERSITÁRIA: progressão funcional de uma mulher, violonista, mãe, docente em um curso superior de música no Brasil

Comunicação

GTE 15: Gênero e sexualidade na Educação Musical

Simone Lacorte Recôva
Universidade de Brasília
silacorte@unb.br

Resumo: O presente artigo apresenta um recorte de uma tese de doutorado concluída e tem por objetivo geral refletir sobre o(s) processo(s) de 'Progressão Funcional' da carreira docente em uma universidade brasileira, a partir da história oral de vida e da perspectiva da violonista Flávia Domingues Alves. Os objetivos específicos consistem em: identificar as experiências de uma violonista-mãe quanto às exigências para alcançar os níveis de progressão funcional universitária; analisar as funções e atribuições de uma professora e a conciliação com a vida familiar; e levantar as dificuldades que a violonista enfrentou no seu dia a dia para se manter como docente universitária. A situação-problema apresentada parte da seguinte questão: Como uma mulher-violonista-professora de uma universidade pública concilia a vida profissional e a vida pessoal e familiar a partir das regras para progressão funcional na carreira docente universitária? O trabalho tem como base a metodologia da História Oral. Os resultados mostram que a história de vida dessa profissional traz uma trajetória singular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Única mulher-violonista docente universitária da UFRGS, se destaca pela formação de várias gerações de violonistas clássicos(as). Integrante de grupos musicais como Camerata Consort de Violões e Trio Damas do Violão, Flávia Domingues Alves traz em três entrevistas realizadas respectivamente de forma presencial e duas de maneira remota, narrativas e reflexões importantes sobre docência e gênero na carreira universitária. A violonista destaca os conflitos devido as exigências acadêmicas como produção de artigos, dissertações, teses e a prática artística de tocar violão.

Palavras-chave: carreira docente, universidade, mulher-violonista-mãe.

Introdução

Flávia Domingues Alves nasceu em um período marcado pelos movimentos feministas, cujo lema principal era 'O pessoal é político', pela publicação de O Segundo Sexo (1949) de Simone de Beauvoir e A Mística Feminina de Betty Friedan (1963). A noção de patriarcado, dominação e a emergência da noção de gênero com as publicações de Robert Stoller (1968)

trouxeram, à época, as discussões sobre a distinção entre sexo e gênero. O primeiro a partir de uma abordagem biológica, natural e o segundo como uma construção social, conjunto de papéis impostos às pessoas a depender de seu sexo.

As ativistas feministas brancas buscavam compreender a origem da condição feminina, as razões que fundamentavam, à época, a opressão sofrida pelas mulheres, porém ainda com a ideia da existência de um elemento essencial que unisse todas as mulheres sob a mesma condição, ou seja, nesse período, acreditavam que todas as mulheres possuíam condições semelhantes como, por exemplo, a prerrogativa de engravidar.

Ao contrário das décadas anteriores, o foco do movimento feminista estava na cultura, educação, relações, aborto, ao direito de trabalhar fora e ter um salário, além do direito ao prazer do corpo e principalmente uma posição política contra o patriarcado. Dessa maneira, a categoria mulher em contraposição ao homem, bem como as desigualdades de gênero marcaram as lutas do feminismo com o movimento das mulheres entre as décadas de 1950 e 1970.

Apesar de não apresentar em suas narrativas, quaisquer indícios de participação nos movimentos sociais, da luta das mulheres por seus direitos, Flávia Domingues Alves, teve papel importante na formação acadêmica de jovens mulheres violonistas no cenário brasileiro, ou seja, a docente vivenciou suas conquistas e engajamento nas questões de gênero por meio da música.

O presente artigo apresenta um recorte de uma tese de doutorado concluída e tem por objetivo refletir sobre o(s) processo(s) de ‘Progressão Funcional’ da carreira docente em uma universidade brasileira, a partir da história oral de vida e da perspectiva de Flávia Domingues Alves.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem a partir da História Oral e foi estruturada em duas etapas complementares. A primeira etapa teve caráter quantitativo e consistiu em um levantamento de mulheres-violonistas docentes universitárias no Brasil. Os primeiros resultados indicaram doze professoras violonistas atuantes em universidades federais e estaduais em cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música, porém, após a

qualificação do projeto de doutorado, a banca sugeriu a redução do número de docentes para quatro participantes. A seleção, a partir desse momento, ocorreu pelo critério geracional, ou seja, pelas professoras universitárias com maior idade, cujos concursos para universidades federais ocorreram para a cadeira de violão e que já estivessem aposentadas. Entre as docentes selecionadas destacou-se a violonista Flávia Domingues Alves da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A segunda abordagem qualitativa se debruçou sobre as narrativas das violonistas.

Matos e Senna (2011) trazem que a fonte oral acrescenta uma dimensão viva à realidade. Para as autoras, a história oral não é somente a lembrança de um indivíduo, mas de um sujeito inserido em um contexto familiar, social e cultural. A fala de cada um apresenta diferentes inferências coletivas, ou seja, uma percepção de si e dos outros. Alberti (1989) destaca que a história oral não pertence a uma área do conhecimento em específico. Devido ao fato de ela apresentar diversas abordagens, pode-se inferir-lhe a pluridisciplinariedade. A autora define que “a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas e visões”.

Salvatici (2005) relaciona a história oral e a história das mulheres. Segundo a autora, ambas foram disseminadas, a partir do final dos anos 1960 e cresceram juntas, pelos movimentos sociais e políticos, tentando inicialmente resgatar histórias ocultas. Emergiram dos estudos dos(as) historiadores(as) orais as vozes dos desfavorecidos, das mulheres do passado e do presente, ou seja, uma reconstrução das contribuições femininas na história.

Nesta pesquisa, o instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista. Gaskel (2000) destaca que “o objetivo da entrevista qualitativa é fornecer os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação”. Para o autor, o foco é a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações no que diz respeito ao comportamento das pessoas em contextos sociais específicos.

O primeiro contato com as docentes ocorreu no segundo semestre de 2018 por e-mail, pelas redes sociais e *WhatsApp*. No ano subsequente, em agosto 2019, a pesquisadora esteve no Rio Grande do Sul, no XXIX Congresso Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, organizado pelo Centro de Artes da Universidade Federal de

Pelotas. Após o congresso foi realizada a primeira entrevista presencial na casa da violonista Flávia Domingues Alves em Porto Alegre. Inicialmente, fez-se necessário a elaboração de um roteiro de uma entrevista semiestruturada, no entanto, ao longo da conversa com a violonista, que teve a duração de quase 3 horas, os caminhos foram conduzidos pela própria autora da narrativa. Uma segunda entrevista ficou marcada para o ano seguinte, no entanto, não se realizou devido à pandemia do COVID 19. A pesquisa precisou ser reestruturada e passou a contar com a necessidade de ser realizada de forma remota, via *Google Meet.* As entrevistas foram transcritas na íntegra e entregue à colaboradora de forma impressa, para que ela pudesse realizar os ajustes e modificações.

Diferentes temáticas emergiram desses encontros desde narrativas da infância e do primeiro contato com o violão; adolescência; as primeiras aulas de violão; o processo de tornar-se professora de violão; o convite para participar do concurso para professora efetiva na universidade; a vida pessoal e profissional como docente universitária, etc.

Os processos que envolvem a carreira universitária na experiência de Flávia Domingues emergiram de forma natural, a partir das reflexões de experiências pessoais e profissionais na universidade como violonista, mulher, docente, entre tantas outras funções exigidas no contexto do ensino superior.

Mulher-violonista-docente universitária

A universidade representa uma instituição de relevância social, o topo da hierarquia do processo educacional. Ao mesmo tempo, um espaço de poder, baseado no acesso limitado de estudantes e docentes, os quais ingressam mediante processos seletivos. Embora a seleção das/dos docentes universitárias ocorra de maneira igualitária, ou seja, sem aparente distinção de sexo, a carreira universitária para homens e mulheres não acontece da mesma maneira. Na trajetória profissional da docência universitária, a diferença entre os sexos, apesar de não ser, geralmente, considerada durante todo o processo, está presente na progressão funcional e necessita ser problematizada.

Flávia Domingues Alves, ao longo de sua formação e docência universitária, encontrou em diferentes grupos musicais, espaços de sociabilidade e musicalidade, nos quais atuou e interagiu como instrumentista. O fazer musical em grupo na Camerata Consort de Violões;

Octeto de Violões do Departamento de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Quarteto ComTrastos; Conjunto de Câmara de Porto Alegre; Trio Damas do Violão e no Conjunto Música Mundana foram alguns desses espaços de sociabilidade, nos quais Flávia atuou. Tocar em um grupo, para a violonista, envolve diferentes dimensões da prática e da experiência social na universidade nos cursos de Música no Brasil. Em analogia a outras áreas do conhecimento, como na história, que se criam grupos de discussões sobre temas variados como o Núcleo de Estudos do Gênero Pagu, na Unicamp, por exemplo, citado por Margareth Rago (1998), nos cursos de música, os projetos de formações musicais são criados a partir de disciplinas, projetos de extensão ou como produção artística dos professores da área na universidade.

A inclusão das atividades de *performance* como fatores que contribuem para o processo de 'Progressão Funcional' nas universidades foi fruto de muita luta e contestação por parte de docentes-artistas como Flávia Domingues Alves. Assim como a produção da escrita acadêmica, como artigos, capítulos de livros, apresentações de comunicações e simpósios em congressos, docentes de universidades federais, fez-se necessário reivindicar que suas práticas artísticas também fossem incluídas nos respectivos currículos. No entanto, como abordado anteriormente, as diferenças entre os corpos, ou seja, entre os sexos, parecem não integrarem as pautas de lutas em processos de progressão funcional nas universidades.

Progressão Funcional e maternidade

A partir da história de vida de Flávia Domingues Alves, casada, mãe de três filhos, Felipe, Mateus e Lucas, e avó de dois netos, foi possível refletir se a maternidade constitui um fator que afasta e/ou distancia as mulheres no processo de progressão da carreira, ou seja, como uma barreira para se alcançar espaços profissionais mais elevados e no caso da música, se desenvolver no instrumento.

> Afasta bastante! Mas que é difícil...ah...a gente sente por que quando tu tens filho, sabe como é, quando tu passas aquele período da gravidez já é difícil o estudo! A gente estuda, mas com bastante... por que fica toda uma postura diferente! Depois quando o bebê nasce... A demanda é enorme!! Meu Deus!!!É amamentação, é todo um cuidado, é dia e noite... Aquelas horas de

> sono que a gente já não tem, aquela coisa.... Estudo é complicado! A gente sempre tem um lapso, né? Para de tocar um tempo...Volta depois e... e... [Por mais que o pai contribua] por mais que ele seja parceiro... É diferente! É... é uma questão que a maternidade...Vai dar... E eu acho assim... Por mais que a gente pense assim, a mulher tem a condição de igualdade, né? Mas nesse ponto...Não tem negociação!

O corpo é modificado durante e após uma gravidez. Corpo este que é o meio pelo qual o conhecimento é passado aos/às estudantes violonistas. A maternidade, as mudanças físicas na gestação e o período da amamentação modificam toda a maneira de se posicionar com o instrumento, tornando o estudo muito mais difícil. Por mais que os homens, companheiros, maridos dividam o trabalho de cuidados com os filhos, é o corpo da mulher que é transformado, ou seja, ela que necessita se readaptar na prática profissional. Nesse caso, falar das diferenças nas condições entre violonistas homens e violonistas mulheres torna-se necessário. Mesmo na docência, no caso de atividades que requerem o 'corpo' como instrumento de trabalho, nas atividades físicas, esportes, pesquisas de campo, nas práticas artísticas como teatro, música, dança, ao se levar em conta a maternidade, deve-se partir do princípio das diferenças ao invés de invisibilizá-las. Por outro lado, Flávia Domingues Alves reconhece a necessidade e a importância da maternidade.

> E até assim... a gente precisa manter a maternidade! A gente precisa, por que se nós não mantivermos a maternidade também não vamos ter nem violonistas, nem homens, nem mulheres, simples assim... acabam as pessoas do mundo! Se todas as mulheres resolverem se dedicar só a suas carreiras, só a sua profissão, só... acabou... Acabou o mundo, porque daqui a um pouco não tem mais gente!

A dimensão humana e as relações intersubjetivas presentes nas trajetórias das historiadoras citadas por Liblik (2019) podem também ser reconhecidas na narrativa de Flávia Domingues Alves. Ao afirmar que é necessário que se mantenha a maternidade para a sobrevivência da humanidade, Flávia trouxe uma importante reflexão que vem ao encontro da minha prerrogativa inicial de que a maternidade dificultaria as mulheres crescerem profissionalmente. O que Flávia explicitou foi que a maternidade é uma opção, ou seja, é uma escolha de vida das mulheres. Apesar de Flávia considerar a maternidade como uma decisão pessoal da mulher, há outro lado, ou seja, uma compreensão da sociedade que a maternidade

é uma consequência natural do ‘ser mulher’. A naturalização da maternidade traz uma carga de responsabilidade muito grande às mulheres. Nesse sentido, torna-se necessário questionar os regimes de verdade que nos são transmitidos de geração em geração pela sociedade no contexto em que vivemos Apesar de ser uma escolha, a maternidade é constantemente apresentada por meio das mídias, dos filmes, das novelas, dos livros e revistas como um caminho comum que levará todas s mulheres à felicidade e à realização pessoal.

A realidade da vida acadêmica em universidades no Brasil, muitas vezes, ignora que, além de docente, Flávia Domingues Alves, assim como outras mulheres, são pessoas, que assim como em outras profissões, necessitam ter uma vida pessoal. Podemos afirmar que há uma subjugação, uma desumanização e mesmo uma negação da vida pessoal de mulheres docentes universitárias, que como Flávia, escolhem viver além dos muros da universidade. Nesse sentido, compreende-se que a produção de todos os corpos, independentemente do gênero e das condições pessoais de vida fora da universidade, deve ser igual. Assim, compreendo que é possível e necessário também ter tempo para olhar para a vida pessoal, os próprios valores e o bem estar de si além do campo profissional. Para as mulheres, a questão do gênero se evidencia mais, pois são elas que carregam os filhos no próprio ventre, que amamentam, que mantém os primeiros vínculos com a prole. Neste quesito não há como ter ‘igualdade’ entre homens e mulheres no ambiente universitário. A luta dos feminismos por direitos iguais precisa ampliar os horizontes para o respeito às diferenças.

A produtividade na academia de uma mulher como Flávia Domingues Alves, com três filhos, não pode ser igualada, ou mesmo, comparada a de um homem na mesma condição. Os corpos são diferentes embora as exigências sejam iguais. A questão não está em ‘julgar’ o fato de a docente querer ou não ter filhos. A discussão deve transcorrer no âmbito de conceder melhores condições de trabalho, remuneração, com a valorização das diferenças, àquelas, como Flávia Domingues Alves, que escolheram ter filhos. Não há como negar que os filhos exigem das mães um ‘freio’ na produtividade, isto é, na ‘evolução’ na carreira. Por outro lado, eles também trazem um caráter de humanização, um olhar diferenciado para os diferentes significados do viver. A lógica capitalista, produtivista, machista, pode nos levar a pensar que os filhos constituem um ‘empecilho’ para o desenvolvimento da carreira das mulheres. No entanto, sob uma outra perspectiva, os filhos trazem o caráter humano, das

pequenas pausas, dos breves olhares de uma realidade praticamente ignorada ou esquecida dentro das universidades.

A dedicação à docência, o respeito aos estudantes, o cuidado em lidar com as diferenças de gostos e preferências por repertórios específicos, objetivos do aprendizado no violão e a coerência com a organização e estruturação do curso são alguns dos pontos destacados por Flávia Domingues Alves sobre o próprio trabalho na universidade. É interessante refletir que o trabalho docente, ou seja, a aula realizada em uma sala na universidade, não possui, geralmente, a visibilidade ou mesmo a publicidade da realização artística, ou mesmo da produção de métodos e composições, por exemplo. Ao contrário de nomes de violonistas conhecidos no meio musical do ensino do violão erudito como Henrique Pinto, que publicou muitos métodos para violão, o trabalho de outros(as) professores(as), embora significativos, ficam restritos às paredes das salas de aula. Flávia Domingues Alves destaca "É... Na verdade, eu não publiquei, praticamente, a não ser a minha dissertação, né? Mas eu não tinha absolutamente tempo para fazer isso entende?".

O modo de vida de uma mulher, docente universitária, violonista, mãe, esposa requisitavam fazer escolhas. O tempo limitado, a grande quantidade de atividades a serem cumpridas exigiam uma organização e ajustes constantes. Outro fator agregado à narrativa da docente, diz respeito às mudanças nas regras para avaliação do departamento e ao direito a pleitear novas vagas que passava pela produção intelectual dos(as) professores(as). Assim, na experiência como docente universitária da violonista, além de dar aulas havia uma cobrança constante para produzir pesquisa e artigos científicos para publicação. A violonista sempre destacou, "Mas eu gosto de tocar!". A alternativa na universidade foi em investir na criação, orientação e participação em grupos como o Octeto de Violões do Departamento de Música. A necessidade de fazer escolhas, ou seja, encontrar o próprio 'lugar' dentro da universidade também foi uma característica importante na trajetória da musicista.

Joênia Wapichana destaca que ainda vivemos "um século em que o patriarcalismo, a apartação e a desigualdade imperam" (ARRUZZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2019). A ideia de que as mulheres precisam 'dar conta de tudo', ou seja, da maternidade, do casamento, do trabalho, dos(as) alunos(as), da produção científica, da produção artística prepondera na narrativa de Flávia Domingues Alves. Nessa perspectiva, é importante refletir que a conquista

das mulheres por ocuparem espaços públicos, como a universidade, trouxeram questões de gênero relevantes e ainda pouco discutidas no meio acadêmico. “Precisava ser professora! E atender a todos os meus alunos... E precisava ter também uma produção!”. A narrativa da violonista representa a voz de muitas mulheres, nas quais a autora desse artigo está incluída, pois além de docentes universitárias, somos mães, filhas, donas de casa, com companheiros(as) ou não e frequentemente nos sentimos ‘obrigadas’ a dar conta de tudo, ou seja, cuja vida pessoal é, na maioria das vezes, invisibilizada pela vida acadêmica.

Considerações Finais

O feminismo do século XXI luta por melhores condições estruturais para que as mulheres trabalhem fora, como creches, escolas em período integral, restaurantes e lavanderias comunitárias entre outras estruturas que tornem a profissionalização das mulheres viável (Arruzza, Bhattacharya, Fraser, 2019). Ao contrário de outras profissões, que possuem horários pré-determinados para o trabalho, o modo de vida de professoras universitárias com família, filhos, principalmente na música e que ainda exige uma performance artística, de execução e permanente estudo do instrumento, consiste em uma vida sem pausas. Há trabalho o tempo todo e além do trabalho há períodos em funções como chefia e coordenação, nos quais ainda há uma demanda extra que extrapolam as aulas presenciais.

Marilena Chauí no livro *Escritos sobre a Universidade* (2001) traz reflexões importantes sobre as universidades públicas no país. A autora ao analisar as modificações das universidades brasileiras, ao longo das últimas décadas, afirma não ser possível pensar o contexto universitário sem considerar o autoritarismo presente na sociedade brasileira, bem como o neoliberalismo em vigor e as diferentes ideologias que emergem a partir da acumulação do capital, o pós-modernismo. Nesse sentido, a universidade com autonomia é substituída, isto é, cede lugar à universidade administrada no modelo das grandes empresas privadas cujos critérios de avaliação estão centrados na produtividade. No caso específicos de algumas áreas como a música, o contrassenso se agrava ainda mais ao exigir que instrumentistas, cuja formação e profissionalização ocorre pela/para a ‘prática do tocar’,

passem a ser cobrados da mesma maneira que outras áreas do conhecimento, como os historiadores, que tem por formação a 'prática de escrever'.

A universidade com base na produção intelectual de seus docentes privilegia a quantidade de publicações científicas como artigos, livros e participação em congressos, seminários e eventos em geral, bem como a titulação do que o ato de ensinar em si. Assim, a progressão funcional da docente universitária passou a depender muito mais do que ela escrevia do que ela o que ela ensinava ou se dedicava ao aprendizado dos(as) próprios(as) estudantes na universidade.

Flávia Domingues Alves traz a crítica e a reflexão sobre a não valorização da docência no ensino superior. A obrigatoriedade da pesquisa, à escrita em detrimento a outras produções, principalmente no campo das artes foi o principal fator que levou Flávia a encontrar outros espaços na universidade para atuar. Uma das possibilidades encontradas foi o trabalho com música de câmara, ou seja, o trabalho na formação de grupos musicais para incentivar que professores(as) e alunos(as) toquem.

A história de vida de Flávia Domingues Alves traz uma trajetória solitária de docência em relação ao gênero em sua universidade. Quando questionada sobre as mudanças nos dias atuais, Flávia reflete que essa realidade está diferente. As mulheres conquistaram mais espaços. Elas postergaram a maternidade, o que possibilitou que as jovens pudessem se dedicar mais a carreira inicialmente, para depois administrarem família e trabalho, que não deixa de ser um obstáculo, muitas vezes, para as mulheres. Atualmente, há um novo cenário para as mulheres violonistas.

Para Flávia Domingues Alves: "nos dias de hoje, é perceptível que muitas mulheres estão tocando mais violão". No entanto, apesar de mais mulheres estarem tocando violão na contemporaneidade, os homens continuam sendo a maioria no instrumento principalmente no que concerne às vagas ocupadas por docentes em universidades federais em cursos de música, bacharelado-violão. Rupturas e permanências marcam especificidades do ser 'mulher' em trajetórias de profissionalização e na carreira acadêmica em universidades brasileiras.

Referências

ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1989.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA,Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%:* um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo:* fatos e mitos. v. 1. Trad. de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *A Universidade Operacional.* Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, 2011.

FRIEDAN, Betty. *A Mística Feminina*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1963/2020.

GASKEL, George. Entrevistas individuais e grupais. In BAUER, M.W; GASKELL. G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 65.

LIBLIK, Carmem Silva da Fonseca Kummer. *Uma história toda sua*: trajetórias de historiadoras brasileiras (1934-1990). Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. História Oral como fonte: problemas e métodos. (2011).

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história de mulheres. Revista História Oral, v.8, n.5 2005.

STOLLER, R. J. *Sex and gender*: the development of masculinity and femininity (1968). Londres: Karnac Books, 1994.